

Clínica, com quê?

Alteridade como recurso para o manejo relacional das psicoses

14/07/2015

Nós trazemos aquele começo do Winnicott para falar das funções que os que cuidam, que lidam com pacientes psicóticos, podem cumprir. Winnicott fala que entre várias funções, essas seriam funções primordiais: a função de estar diante do sujeito, certificando-o que ele é um sujeito e que eu sou outro sujeito. É como uma marca, uma característica. Eu desenvolvi isso tecnicamente, a partir do meu trabalho, obviamente, sobre a minha subjetividade, sobre a minha experiência, enfim, uma investigação sobre mim. Mas eu desenvolvo isso como uma atitude, como uma postura, como um recurso.

(1:15) Isso significa que eu faço uma vigilância sobre minha performance com o sujeito. Eu diria pra vocês “a gente deveria fazer essa vigilância sobre sua performance com o sujeito, diante de outro sujeito, a condição, a função que se ocupa”; “você deveria fazer isso em geral, isso deveria ser uma aprendizagem para toda experiência clínica”. Eu não deveria jamais perder a consciência de que eu estou numa função e de que esta função exige de mim um certo recato expressivo. Um certo recato afetivo, um certo recato do ponto de vista da contenção de meu humor, de que eu devo ser um sujeito recatado. Então atender gente supõe pessoas que são capazes de ser recatadas. Recatada significa autocontidas, que faz certas contenções expressivas de si mesmo. (Por que?) Porque você não está precisando de se expressar. Quem precisa se expressar aqui é o sujeito, é o outro.

(3:17) Então quando você cria essa auto contenção expressiva, quando você faz uma regulação de si próprio nessas circunstâncias, você é só o que está fazendo, porque essa é a condição para que o outro possa emergir, que o outro possa se expressar. Então o outro só se expressa porque você diz para ele. Eu me lembro de uma circunstância de estar lidando com um paciente e homicida, na circunstância estava ainda cumprindo medida de segurança,

(duplo homicídio) num manicômio judiciário, e fui fazer uma visita ao manicômio judiciário. E ele sabe que eu estou lá, e ele me conhecia de circunstâncias externas e eu peço para vê-lo e eu o pergunto:

- “Eu gostaria de ver Fulano. Alguém poderia consultar Fulano se ele está interessado em me ver?”.

Você entenderam como eu me produzo com o outro, eu não me satisfaço a minha curiosidade, a minha vontade de ver o sujeito. É assim que eu marco a condição de alteridade, é no detalhe. (O diabo adora os detalhes).

- “Mas pode ir lá”.

- “Não posso ir lá não. Eu gostaria que alguém fosse lá e perguntasse, falasse que eu estou aqui e que manifestei interesse de vê-lo. E se ele gostaria de me receber”.

(5:30) Aliás ele sabia com quem estava lidando, sabia da importância disso, e fica efetivamente feliz e disse:

- “Quero recebe-lo! Pode vir, eu vou!”

Conversa comigo e diz assim:

- “Eu vou entregar aqui para você uma coisa que quero que entregue para alguém lá fora!, (Me atribuiu uma missão) “Aqui existem documentos, uma fita gravada, quero que você entregue”

E quando está nessa operação ele diz assim:

- “Porque você sabe não sei o que...”

E eu falo:

- “Opa eu não sei, eu não sei. Você não me falou sobre isso, é a primeira vez que você está me falando isso. Eu não reconheço você está delirando...(Eu quero ser , não quero ser, fazer parte do delírio. Eu demarco a alteridade.) Não, não, não, disso você nunca me falou”.

Esse sujeito pára, assim, por um momento e pensa e fala pra mim :

- “ É, eu não falei sobre isso com você mas sabe o que é... é que eu sou

psicótico e eu as vezes fico sem saber o que aconteceu na minha cabeça e o que aconteceu fora da minha cabeça”.

(7:25) Veja como é interessante, como o movimento da alteridade, de você se colocar, são cuidados na delicadeza, não são mirabolâncias a posição, quando você situa nessa posição, você induz o sujeito a uma perspectiva de fazer o cotejamento disso que desliza nele.

(7:50) Então essa circunstância ilustra um pouco do que estou dizendo como você pode com a sua intencionalidade, com a sua atitude, nos detalhes, você pode construir para o sujeito uma certificação desse espaço que distingue você, dele e ele de você. Em como o manejo disso clinicamente... o manejo porque isso significa resistir a tentação languageira. Isso significa resistir a fuleragem de que “todos irmãos, estamos todos no mesmo barco, todos gostamos da mesma coisa, fazemos parte um grande clube, torcemos pelo mesmo time”

(9:01) Isso que busco, custa tanto no registro da neurose e é tão importante para a gente suportar o cotidiano que é o chiste (não tem lugar para o chiste). Não pode ter chiste, não pode ter suposição, que eu entendi o que você quer dizer. Não pode ter suposição, de que eu também me expressei suficientemente. Eu tenho que ser muito didático, muito pedagógico, tenho que ser muito cuidadoso para que esse sujeito possa respirar finalmente aliviado, porque ele encontrou alguém que lhe oferece na interação a possibilidade que uma certa certificação de que ele não se misturará, não se confundirá e de que isso não vai virar uma embolação psíquica, de que o seu lugar no sujeito está estabelecido.

(10:22) Então vejam só, quando eu falei **ontem** da última vez, é que o tema da alteridade é fundamental. O tema da alteridade ele deriva do tema de que há algo que é na relação. Então essa perspectiva pela qual a gente vem trabalhando diz assim: “Se nós podemos tomar de Pichon a ideia de que a psicose é um distúrbio do vínculo, um distúrbio vincular, nós podemos tomar isso como um alerta de que esse distúrbio vínculo; é porque o vínculo tal como esta posto na disponibilidade do registro da neurose, não é acessível para esse sujeito”.

(11:20) Então se queremos operar na tecnologia vincular a psicose, nós podemos nos beneficiar desse tipo de compreensão. Se queremos, consideramos que existe sim, um manejo vincular com o sujeito psicótico que é extremamente benéfico e estabilizador. E eu digo mais para vocês, é daí que se produz a transferência psicótica. A transferência psicótica se produz no momento que esse sujeito percebe de que você não é uma outra pessoa qualquer dessas que existe no mundo, mas você é uma pessoa.

(12:10) Me lembro do nosso Eduardo Araújo, nosso usuário número zero, número um. O primeiro usuário do movimento antimanicomial, que se aproximou com essa intenção. Muitas vezes o Eduardo ensinou muito sobre essas coisas, o Eduardo me apresentava dizendo assim: "Aqui está o Doutor Marcus Vinicius, a maior autoridade de psicose da Bahia"... E eu recebia sempre essa forma do Eduardo me certificar e também certificar do lugar dele, como uma afirmação exatamente nesse registro vincular, (porque foram uma relação de longos anos, creio que uns dez anos) e fora do setting terapêutico, no setting sócia. isso não e é verdade para settings serviço, isso é para abordar um paciente em crise na rua, isso serve para tudo para você manejar.